

OS 140 ANOS DO FIM DA GUERRA DO PARAGUAI (1870-2010): UMA NOVA VISÃO

Major QCO Armando Martins Filho¹

**O historiador não é aquele que sabe. Mas o que procura.
Lucien Febvre**

RESUMO: O objetivo deste artigo é traçar, em breves linhas, algumas considerações acerca da evolução historiográfica sobre um tema tão polêmico quanto palpitante para a história dos países envolvidos, naquele que foi o maior conflito ocorrido em terras sul-americanas; de um lado o Paraguai, e de outro, opondo-se à nação guarani, a chamada Tríplice Aliança formada por Argentina, Brasil e Uruguai.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai, Solano López, Revisão historiográfica

ABSTRACT: The objective of this article aims at making a few brief comments on the historiographical evolution of a theme both controversial and exciting to the history of the countries involved in the greatest conflict which ever happened on south American land; on one side, Paraguay, and on the opposite one, fighting the guarani nation, the countries which formed the Triple Alliance, Argentina, Brazil and Uruguay.

Keywords: Guerra do Paraguai, Solano López, Revisão Historiográfica

1 - Professor de História do Colégio Militar de Curitiba; Mestre em Integração Latino-Americana pela UFSM-RS; Membro da Academia de História Militar do Brasil e do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.

INTRODUÇÃO

A Guerra do Paraguai terminou no dia 1º de março de 1870, com a morte em combate em Cerro-Corá, do marechal Solano López, mandatário paraguaio. Entretanto passados 140 anos do fim do maior conflito envolvendo países americanos, o mesmo ainda gera polêmicas, sobretudo, em relação ao revisionismo histórico, que transformou o Paraguai de agressor dos seus vizinhos, em vítima da ação imperialista inglesa na América do Sul, através da sanha bélica dos países da Tríplice Aliança, capitaneados pelo Brasil Império.

A mais recente polêmica, envolvendo esse conflito, originou-se na intenção manifestada pelo nosso governo de devolver ao Paraguai o canhão conhecido como “*El Cristiano*”, capturado pelo Exército Brasileiro durante as operações bélicas, decisão que desagrade aos militares e causa desconforto na caserna.

Esse é apenas mais um capítulo na longa série de discussões e polêmicas entre os estudiosos do tema, que vão desde as divergências entre os números de mortos e feridos entre os contendores, os efetivos em presença durante as operações de guerra, passando sobre quem efetivamente venceu o conflito.

Vejamos, em linhas gerais, a evolução da historiografia sobre o tema, ao longo dos últimos 140 anos.

A GUERRA DO PARAGUAI PELA HISTORIOGRAFIA TRADICIONAL

As causas da Guerra do Paraguai remontam à independência da antiga província do Vice-Reino do Prata, ocorrida em 1811, quando se formou um governo provisório do qual os membros mais importantes foram D. Fulgêncio Yegros, D. Pedro Juan Cabalero e D. José Gaspar de Francia. Em 1814, teve início o governo de José Gaspar Rodriguez de Francia (1814-40), que isolou o país, não admitindo sequer representantes estrangeiros, com exceção do Brasil.

O Brasil foi o primeiro país a reconhecer a independência do Paraguai, com o qual conseguiu estabelecer relações mesmo durante o longo período de isolamento a que submeteu seu primeiro ditador, José Gaspar Rodríguez de Francia. Diplomáticamente, havia o Império defendendo a integridade territorial e a soberania do Paraguai contra os desejos expansionistas das Províncias Unidas do Rio da Prata e depois da Confederação Argentina. Ao tempo de Rosas, contribuimos para o melhoramento das fortificações e do Exército do Paraguai (VIANNA, 1980, p. 534).

Em 1840, D. Antônio Carlos López, assumiu o governo, atenuando um pouco o sistema de isolamento do país, sem no entanto tolerar nenhuma oposição. As relações diplomáticas com o Brasil, foram mantidas com o mesmo clima de cordialidade que marcaram o governo de seu antecessor.

Com a morte de Carlos López, o governo foi passado para seu filho, Francisco Solano López (1862-70), o qual sonhava em criar o “Paraguai Maior”, anexando as regiões argentinas de Corrientes e Entre-Ríos, Missões e a ilha de Martim Garcia; as áreas de fronteira com o Brasil em Mato Grosso e partes do Rio Grande do Sul, além de todo o Uruguai, com vistas a criar uma saída para o Oceano Atlântico.

Para atingir esses objetivos, Solano López armou fortemente o Paraguai. O Brasil não espera se envolver em um conflito com os paraguaios, uma vez que as questões de fronteira estavam sendo resolvidas de forma amigável e a questão da navegação pelas águas do Paraguai também fora equacionada por tratados.

O cenário começou a mudar quando o Império brasileiro interveio contra o governo de Aguirre no Uruguai, em 1864, fato que levou Solano López a oferecer sua mediação, a qual o Brasil não aceitou. Poucos meses depois, López protestava contra a intervenção do Império na República Oriental do Uruguai. Apesar do acirramento dos ânimos, o Paraguai oficialmente continuava a apresentar relações amistosas com o Brasil.

Em 11 de novembro de 1864, sem prévio aviso, os paraguaios aprisionaram o navio brasileiro Marquês de Olinda, que navegava pelo rio Paraguai, em direção a Mato Grosso, levando a bordo o presidente da província, o Coronel Carneiro de Campos.

Um mês após o aprisionamento do navio, houve a declaração de guerra de Solano López, seguida da invasão do Mato Grosso, cujo primeiro objetivo foi a tomada do Forte de Coimbra, comandado pelo Tenente Coronel Pôrto Carrero e, guarnecido por apenas 115 homens, que embora resistissem tenazmente, não conseguiram deter o avanço paraguaio. Após essa vitória, atacaram o Forte de Dourados, onde um pequeno destacamento comandado pelo Tenente Antônio João também não conseguiu deter os invasores, que ocuparam as cidades de Miranda e Nioac.

Após essas vitórias, Solano López tentou invadir o Rio Grande do Sul, através da província de Corrientes, sem permissão do governo argentino, fato que levou à formação em 1º de maio de 1865, da Tríplice Aliança, em cujo desdobramento ao longo do conflito, teve três comandantes gerais:

1ª fase - General Bartolomeu Mitre, presidente da Argentina;

2ª fase - Marechal Luis Alves de Lima e Silva, Marquês de Caxias;

3ª fase - Marechal Gaston D'Orleans, Conde D'Eu

No artigo 7º da Tratado da Tríplice Aliança, estabeleceu-se que *“os aliados não guerreavam contra el pueblo del Paraguay ni contra los paraguayos, si no contra seu gobierno”* (Mussumeci, 1962, p.208). E no artigo 8º, os aliados obrigavam-se a *“respeitar a independência, a soberania e a integridade territorial do República do Paraguai”*(VIANNA,1980,p.543).

O início da guerra encontrou o Brasil despreparado para travar uma lutar em regiões longínquas e de difícil acesso terrestre, fluvial e marítimo.

Para fazer frente a cerca de 85000 soldados paraguaios, com poderosa artilharia e farto material bélico, tinha o Brasil 16000 homens disseminados pelo Império, recorrendo então à mobilização da Guarda Nacional e dos batalhões de Voluntários da Pátria. A Argentina, no começo da campanha, teve perto de 12000 combatentes, três anos depois reduzidos a pouco mais de 4000; o Uruguai tinha 2500 soldados na guerra, em seu início, mas somente 600 no fim da luta. O efetivo máximo das forças brasileiras foi atingido em 1868, quando somavam 67.365 homens (SOUZA DOCCA, Causas da Guerra do Paraguai, p.184).

Percebemos portanto, que havia uma clara desproporção militar entre as forças paraguaias e brasileiras na ordem de 4 para 1, o que desmente as versões revisionistas de uma extraordinária superioridade militar brasileira.

O início do longo conflito foi marcado pelas vitórias paraguaias, com as invasões do Mato Grosso, do território argentino de Corrientes e da cidade de Uruguaiana no Rio Grande do Sul. Entretanto, em 11 de junho de 1865, a marinha brasileira venceu a Batalha do Riachuelo. Em 18 de setembro do mesmo ano, o general Estigarribia rendeu-se em Uruguaiana. No ano seguinte, no dia 24 de maio, os aliados vencem os paraguaios em Tuiuti, considerada a maior batalha terrestre da América do Sul. Seguiu-se a vitória na batalha de Curuzu no dia 3 de setembro e a derrota de Curupaiti, em 22 do mesmo mês.

O Marquês de Caxias foi nomeado, em novembro de 1866, comandante-chefe do Exército Brasileiro. No ano de 1867, ocorre a retirada da Laguna e a libertação da província de Mato Grosso. Em 25 de julho de 1868, vitória aliada em Humaita e, no final do ano, as vitórias de Caxias nas batalhas de Itororó, Avaí, Lomas Valentinas e Angostura, que ocorreram respectivamente nos dias 6, 11, 21 a 27 e 30 dezembro, por isso conhecidas em nossa historiografia como “a dezembroada”.

No dia 5 de janeiro de 1869, é tomada Assunção. Após a queda da capital paraguaia, Caxias passa o comando das tropas ao Marechal Guilherme Xavier de Souza, por estar adoentado e retorna ao Rio de Janeiro, onde o imperador D. Pedro II (1840-89) para distingui-lo o eleva, em 23 de março de 1869, a Duque de Caxias.

As forças aliadas nessa última fase da guerra, passam ao comando do Marechal Gastão D'Orleans, Conde D'Eu. Solano López foge para região da cordilheira do Ascurra, procurando reorganizar o que restava do seu exército. Tem início à Campanha das Cordilheiras, com as vitórias da Tríplice Aliança nas batalhas de Perebebuí e Campo Grande.

Em Cerro-Corá, ocorre a última batalha da guerra, Solano López, alcançado pelas tropas do general José Antônio Correia da Câmara, acabou morto, em 1º de março de 1870, fato que marca a derrota definitiva do Paraguai.

Apesar da vitória militar, o Brasil não tirou proveito dessa longa e custosa guerra. Nada ganhamos. Tampouco recebemos a dívida de guerra, que foi perdoadada por decreto do governo brasileiro, em 1943, por ocasião da visita do presidente do Paraguai ao Brasil, em retribuição a visita de Getúlio Vargas, feita há dois anos.

Em 1872, o Brasil firmou um tratado de paz com o Paraguai, fixando os respectivos limites de fronteira, sem no entanto obter quaisquer vantagens territoriais. Não obstante, tivemos contra nós a opinião de grande parte do mundo.

Era favorável ao Paraguai a opinião geral da América do Sul. (...) considerada no mapa, a aliança era um grupo esmagador a cair sobre pequeno trato central da Sul-América, milhões de aliados a investirem contra um escasso milhão de defensores locais. Finalmente, a diplomacia de López havia abundantemente subsidiado a publicidade, com o fito de criar uma corrente internacional de sentimentos que lhe fosse simpática (CALÓGERAS, 1972, p. 323).

Como consequência do conflito, o Paraguai ficou arruinado; sendo organizado no país pelo Visconde do Rio Branco um novo governo, que a pedido do Conde D'Eu, aboliu a escravidão naquele país; o Exército Brasileiro tornou-se uma força política e houve um incremento das idéias abolicionistas e republicanas no Brasil. A guerra marcou o apogeu e o início da decadência da monarquia brasileira, que culminaria em 15 de novembro de 1889, na proclamação da República.

A GUERRA DO PARAGUAI PELA HISTORIOGRAFIA REVISIONISTA

Para essa corrente historiográfica, o Paraguai desde a sua independência realizou um desenvolvimento político completamente diferente dos países da América Latina, sobretudo, a partir do governo enérgico de José Gaspar Rodrigues de Francia, o qual desenvolveu uma estrutura social e econômica voltada para os interesses do povo paraguaio, cujo objetivo principal seria garantir a plena independência do seu país.

Essa ação sócio-econômica consistiu na distribuição de terras aos camponeses, combate à oligarquia parasitária, além de construir inúmeras escolas, de tal sorte que, “*em 1840, o Paraguai era um país sem analfabetos*” (CHIAVENATTO, 1979, p. 27).

Após a morte de Gaspar de Francia, em 1840, seus sucessores, primeiro Antônio Carlos Lopes (1840-62) e, depois seu filho Francisco Solano López (1862-70), conhecido como “*El Supremo*”, deram prosseguimento à tarefa de transformar o Paraguai num país livre da exploração do capitalismo imperialista internacional.

Nesse sentido, o projeto defendido por esses líderes progressistas, prejudicava os interesses da Inglaterra, que pretendia manter os países latino americanos como consumidores de seus produtos industrializados e fornecedores de matérias-primas. Como o Paraguai não se enquadrava no esquema, a Inglaterra financiou a destruição da nação guarani, através da Tríplice Aliança, promovendo o maior conflito ocorrido entre os países americanos.

Portanto, além das reivindicações territoriais de Solano López ou mesmo motivos de ordem política, a principal causa da guerra foi de natureza eminentemente econômica, o que pode ser comprovado pela declaração do presidente Bartolomeu Mitre da Argentina, quando disse que:

A República Argentina está no imprescindível dever de formar aliança com o Brasil a fim de derrubar essa abominável ditadura de Lopez e abrir ao comércio do

mundo essa esplêndida e magnífica região que possui, talvez, os mais variados e preciosos produtos dos trópicos (CHIAVENATTO,1979,p.104).

Logo, para atingir esse objetivo era necessário desencadear uma guerra contra o Paraguai, com vistas a destruir a sua estrutura econômica que o tornava independente em relação ao capitalismo internacional e conquistar o país.

A esse respeito, a historiografia revisionista alertava que, para estudar e entender o contexto no qual ocorreu a Guerra do Paraguai, era necessário usar como base as pesquisas de Léon Pomer e Júlio José Chiavenatto, entre outros jornalistas e historiadores, que procuraram repensar a história do Paraguai e o grande conflito no qual o país se envolveu no século XIX. *Mesmo que a revisão levada a efeito por autores como os citados possa ser alvo de contestações, não deixa de ser necessária tendo em vista repensar a visão simplista e dogmática da historiografia oficial (LOPEZ,1988, p. 80).*

O Paraguai, há cento e quarenta anos, era uma nação que sobrevivia sem a utilização de capital estrangeiro – uma exceção entre os países latino-americanos. Criara ao longo do governo de José Gaspar de Francia, condições para um desenvolvimento econômico autônomo, apoiando-se nas massas camponesas e aniquilando a oligarquia do país, ao mesmo tempo que se isolava dos seus vizinhos atrelados ao capitalismo inglês.

“Mesmo sem tomar medidas diretas contra os grandes terratenientes, o isolamento a que estava submetido o Paraguai, com paralisia quase total do comércio externo, condenou-os a um paulatino desaparecimento” (DONGHI, 1985, p. 277).

Os governos de Carlos López (1840-62) e de Francisco Solano López, deram continuidade a essa política, dotando o Paraguai por volta de 1864, de uma base industrial: materiais para construção, tecidos, pólvora, louça, tinta e papel. Além disso, foram contratados técnicos estrangeiros para coordenar essa produção, que contava inclusive, com a construção de navios nos estaleiros de Assunção.

A economia paraguaia em suas atividades essenciais eram controladas pelo Estado, constando da pauta de exportação produtos como tabaco, madeira e erva mate, apresentando a balança comercial superavit, havendo recursos para investimentos em obras públicas e, “*caso raro, o Paraguai não tinha analfabetos e nem dívidas com a Inglaterra*” (LOPEZ, 1989, p.97).

A Inglaterra, obviamente não podia tolerar esse desenvolvimento autonomo, que poderia, inclusive, servir de exemplo para os demais países da América do Sul e, valendo-se das rivalidades fronteiriças e políticas na região platina, armou e financiou o Brasil para destruir o Paraguai.



Imagem 1 – Acima mapa da ofensiva da Tríplice Aliança e retrato de Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, comandante brasileiro no conflito.

A guerra teve início em 1864 e durou até 1870 deixando um assombroso saldo de destruição. Para se ter uma ideia da carnificina, o Brasil teve cerca de 100 mil combatentes mortos. O Paraguai perdeu aproximadamente 600 mil pessoas de uma população de 800 mil. Depois da Guerra, essa população reduzia-se a 194 mil pessoas, isto é, 75,7 % dos paraguaios foram exterminados. Da população masculina adulta sobreviveram tão somente 0,5 %. Assim o Paraguai, que fora um próspero país era agora, um grande cemitério (CHIAVENATTO, 1979, p.150).

Aqui temos uma divergência de dados com relação à população paraguaia.

A base da população do Paraguai era estimada em 400 mil pessoas em 1864, e o Exército paraguaio contava com cerca de 80 mil homens com reputação exagerada de ser bem equipado. Eram habilidosos guerrilheiros, lutando com ferocidade e espírito de autosacrifício. Mas, com 60 mil mortos, capturados ou mutilados – uma perda desastrosa. Sob um cálculo racional, a guerra estava acabada. López, no entanto, reuniu outro exército formado por meninos, mulheres e velhos que resistiu por dois anos. O país foi arrasado, com seus mortos chegando a 200 mil, ninguém sabia exatamente; sua população masculina havia encolhido em tres quartos. A ocupação brasileira durou 6 anos (SKIDMORE, 1980, p. 86).

Para Chiavenatto (1979) a brutalidade reinou nos dois lados durante o conflito, sendo que Solano López a teria usado para assegurar a disciplina, enquanto que a Tríplice Aliança a usou como instrumento de extermínio. Aliás, alguns dos seus relatos dão conta de atitudes chocantes levadas a cabo pelo General Bartolomeu Mitre e pelo Marquês de Caxias, citando como exemplo que os dois líderes ordenaram que fossem jogados no Rio Paraná, cadáveres empestados de cólera para envenenar a população paraguaia.

É interessante observar que os acampamentos da Tríplice Aliança ficavam rio abaixo, enquanto que os paraguaios ficavam rio acima. Logo, seria impossível que os cadáveres subissem o rio a nado para empestá-los. Apesar dessa impossibilidade, esse episódio é dado como uma antecipação de guerra biológica.

Os relatos dos massacres perpetrados pelas tropas da Tríplice Aliança prosseguem com a suposta ordem dada pelo Conde D’Eu, após a batalha de Peribebuy, de degolar todos os prisioneiros paraguaios no ato de captura, em represália pela morte nesse combate do General Menna Barreto, isso sem apresentar um documento sequer que pudesse comprovar tal fato.

Na batalha de Campo Grande, o Conde D’Eu teria ordenado que os

soldados paraguaios com idades entre 9 e 15 anos fossem mortos juntamente com suas mães que os acompanhavam. Chiavenatto (1979) diz que após a batalha de Avaí, as mulheres, que acompanhavam a tropa e vieram recolher seus mortos, foram massacradas pela cavalaria brasileira.

Esses relatos foram tidos como verdade absoluta pela historiografia nos anos 60 e 70, sem qualquer tipo de questionamento com relação às fontes consultadas. As teses defendidas por Léon Pomer e Julio Chiavenatto, entre outros, transformaram o conflito provocado por Solano López num genocídio premeditado pela Inglaterra e executado pelo Brasil e seus aliados. Isso sem levar em conta que a Inglaterra tentou pacificar o Paraguai, exatamente por interesses econômicos, uma vez que tinha vários investimentos em projetos de infraestrutura na região, além de manter relações amistosas baseadas no comércio com os países da América do Sul.

A GUERRA DO PARAGUAI: REVISANDO O REVISIONISMO

Solano López desconfiava das intenções do Brasil e da Argentina, em virtude do seu isolamento Continental, conforme ele mesmo reconheceu ao presidente Mitre da Argentina, após a batalhas de Tuiuti, em Yataity-Corá, quando disse que *a guerra que movi contra o Brasil era pela crença de que o Império não se contentaria com a conquista do Uruguai e que sua dominação seria estendida a outros países vizinhos* (MENEZES, 1998, p. 96).

A reafirmação do poder imperial brasileiro na política uruguaia, em 1864, levou a uma virtual declaração de guerra por parte do Paraguai.

Segundo Skidmore (1998) a compreensão da Guerra do Paraguai e do envolvimento do Brasil nela é a geografia da região.

Depois do Amazonas, o sistema do Rio da Prata é o maior da América do Sul. Ele proporciona o transporte essencial para quatro países: Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Para estes três últimos, ele é a saída fluvial mais importante para o Oceano Atlântico e, portanto, para o contato marítimo com a Europa e a América do Norte. (SKIDMORE, 1998, p. 83)

Outro ponto a ser destacado é que o Paraguai era um país rural, cujo principal produto de exportação era a erva-mate, possuindo um modesto crescimento econômico, politicamente dominado por uma ditadura feroz e uma estrutura social dominada por uma elite mercantil, que comerciava o pouco produzido pelos camponeses. Em 1865, a capacidade econômica da nação guarani era extremamente limitada. Suas exportações equivaliam a menos de 3% do total das exportações brasileiras. Longe de ser a potência econômica que ameaçava a Inglaterra, como querem fazer crer a historiografia revisionista.

O início e a evolução da Guerra do Paraguai deveu-se, segundo DORATIOTO, no seu livro *Maldita Guerra* (2002), a personalidade de Solano López, sobre o qual ele lança a responsabilidade do conflito, devido a sua procura de maior espaço regional para o seu país e a negativa em concedê-lo por parte do Brasil e da Argentina.

Era um plano arriscado, mas, durante toda a guerra, Solano López ordenou operações militares de alto risco, em cuja decisão predominava não o raciocínio militar, mas, sim, o voluntarismo. Essa era uma característica da personalidade de Solano López, que desprezava a capacidade de combate dos aliados e apostava na ousadia e no fator surpresa para superar as vulnerabilidades dos planos de ataque às forças inimigas (DORATIOTO, 2002, p.475).

Aliás, vale citar a assertiva dos paraguaios sobre as tropas da Tríplice Aliança: “*O Exército Uruguaio tem generais mas não tem tropa; o brasileiro tem tropa mas não tem generais e o argentino não tem nem tropa nem generais*” (MENEZES, 1998, p. 104).

Num ponto todos os autores mencionados concordam: a Guerra do Paraguai foi o maior conflito envolvendo países americanos no século XIX e, todos saíram perdendo. Para doratioto (2002), a vitória alçada pelo Império foi uma meia vitória, visto o alto custo em vidas humanas e pelo estrago

financeiro que ela representou para o governo monárquico. O dinheiro gasto na guerra foi onze vezes maior que o orçamento de um ano de administração pública, comprometendo por dez anos as finanças brasileiras.

Outro ponto a destacar, tem haver com a tese dos interesses econômicos da Inglaterra no conflito. Se estivessem os ingleses realmente interessados na abertura do mercado paraguaio, após o fim do conflito, seus investimentos no país, agora vencido, teriam aumentado de forma substancial. Não foi o que ocorreu. Em 1880, seus investimentos não passavam de 1,5 milhão de libras esterlinas, o que equivalia a menos de 1% dos investimentos totais da Inglaterra na América Latina. Nesse cenário, o Paraguai ocupava o 14º lugar nas inversões inglesas na região.

Do ponto de vista político, um fator relevante foi a formação no Exército Brasileiro, de uma consciência de classe. Os militares brasileiros voltaram da guerra impressionados com a valorização do seu ofício nos países vizinhos, diferente do que ocorria no Brasil, onde não lhe era permitida ascensão social, daí a sua identificação com o regime republicano, que possibilitava oportunidade de participação política.

A Guerra do Paraguai teve grande importância nas relações externas brasileira: o Status Quo no Prata foi mantido em favor do Brasil; a Argentina foi reconhecida como aliada, embora perdurassem algumas dificuldades; o Uruguai, de ficção política conjuntural tornou-se uma sólida realidade nacional; e o Paraguai é colocado em estreita sintonia com o Rio de Janeiro.

CONCLUSÃO

Terminado a Guerra Grande, conforme registra a historiografia paraguaia, a economia dos países envolvidos estava fortemente abalada. O Exército Brasileiro passou a defender uma posição contrária à sociedade escravista, bem como, a demonstrar simpatia pela causa republicana, influenciado pelo contato com os militares dos países vizinhos.

Este último conflito brasileiro na região do Prata: durou de 1864 até 1870, custou rios de dinheiro, arrasou as finanças do Império, e, praticamente destruiu o Paraguai. Ao final do conflito, o heroísmo paraguaio levou à verdadeira dizimação da sua população masculina, à destruição da sua incipiente indústria, as perdas territoriais e à passagem do poder em Assunção, para as mãos dos grandes proprietários de terras (FRAGOSO & SILVA, 1996, p.221).

Passados 140 anos daquele que foi o maior conflito entre os povos americanos, concordamos com o professor Doratioto quando disse que não houve vencedores nessa guerra, todos perderam pelo grande custo humano que ela teve. Esse conflito foi o acontecimento central dos países envolvidos na segunda metade do século XIX.

A guerra acabou por consolidar a formação dos Estados Nacionais na região do Prata. Na Argentina, o país foi unificado e o poder foi centralizado na capital, Buenos Aires. O Brasil monárquico viu o seu apogeu e o início da decadência, com a abolição da escravatura e a proclamação da República. O Paraguai e o Uruguai se consolidaram como países satélites do Brasil e da Argentina.

No final do século XX, os países da Tríplice Aliança aliaram-se ao Paraguai para formar o Mercado Comum do Sul (Mercosul), embrião de uma futura união alfandegária nos moldes da União Européia, com moeda única e total integração econômica, cujo objetivo último é a formação de uma União Sul Americana, onde a cooperação e o entendimento entre os países membros, que possuem uma base histórica comum, possam trabalhar conjuntamente para o desenvolvimento da região, evitando, assim, que venha a se repetir um conflito tão terrível quanto desnecessário entre os povos irmãos da América Latina.

CRÉDITO DA IMAGEM

Imagem 1 – Gilberto Cotrim, História do Brasil, Editora Saraiva, 1993, p. 138 e 139.

REFERÊNCIAS

CALÓGERAS, Pandiá. **Formação Histórica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 7ª ed. 1972.

CERQUEIRA, Dionísio. **Reminiscências da Campanha do Paraguai**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1980.

CHIAVENATTO, Júlio José. **Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

DONGHI, Tulio Halperín. **História da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FRAGOSO, Gen. Augusto Tasso. **História da Guerra da Tríplice Aliança**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1956.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

LINHARES, Maria Yedda (Org.). **História Geral do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1996.

LOPEZ, Luiz Roberto. **História do Brasil Imperial**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____. **História da América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

MENEZES, Alfredo da Mota. **Guerra do Paraguai: como construímos o conflito**. São Paulo: Editora Contexto, 1998.

MUSSUMECI, Victor. **História do Brasil**. São Paulo: Editora do Brasil, 1962.

POMER, Léon. **Paraguai: nossa guerra contra esse soldado**. São Paulo: Global, 1984.

_____. **A Guerra do Paraguai: A grande tragédia rioplatense**. São Paulo: Global, 2ª ed. 1981.

SILVEIRA, Mauro César. **A Batalha de Papel**: A Guerra do Paraguai Através da Caricatura. Porto Alegre: L&PM, 1996.

SKIDMORE, Thomas E. **Uma História do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

VIANNA, Hélio. **História do Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

WASSERMAN, Cláudia & GUAZELLI, Cesar Augusto. **História da América Latina**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996.